

A ética de Vladimir Jankélevitch: as relações entre as vidas psicológica, religiosa, estética e a vida moral*

**The Ethics of Vladimir Jankélevitch: the relationship between the
psychological, religious, aesthetic lives and moral life**

Felipe Marçal Anunciação**

Resumo

Este artigo tem como objetivo traçar de forma resumida a visão ética e moral do filósofo francês *Vladimir Jankélevitch*, com ênfase na primeira parte do livro *Curso de Filosofia Moral*, que propõe uma análise das semelhanças e diferenças entre a vida moral e as vidas psicológica, religiosa e estética; o que o filósofo chamava de redução da moral. A vida psicológica, sendo contínua e anterior a moral, é a única possibilidade para a existência da vida moral; que acontece dentro dela como fruto da razão, e que, mesmo sendo descontínua tem pretensões de continuidade e totalidade. A vida religiosa entra em competição com a vida moral no quesito de busca de totalidade, anulando uma ao obter a outra; mas que se diferenciam por questões práticas de atuações na vida ética. A vida estética se caracteriza por momentos espasmódicos, aristocráticos e singulares na vida comum, sem pretensões morais, preocupada apenas em agradar; ao contrário da moral que não quer agradar, mas se preocupa com a prática do bem em si mesmo.

* Artigo recebido em 25/06/2018 e aprovado para publicação em 28/06/2018.

** Bacharel em Música pela Universidade do Estado de Minas Gerais e mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Palavras-chave: Jankélevitch; Vida moral; Vidas psicológica religiosa e estética.

Abstract

This article aims to summarize the ethical and moral view of the French philosopher Vladimir Jankélevitch, with emphasis on the first part of the book *Course of Moral Philosophy*, which proposes an analysis of the similarities and differences between moral life and psychological lives, religious and aesthetic; the philosopher called that moral reduction. Psychological life, being continuous and previous to morality, is the only possibility for the existence of the moral life; which happens within it as the fruit of reason, and which, although discontinuous, has pretensions of continuity and totality. Religious life enters into competition with the moral life in the question about search of totality, canceling one to get the other; but that are differentiated by practical questions of actuations in the ethical life. The aesthetic life is characterized by spasmodic, aristocratic and singular moments in ordinary life, without moral pretensions, preoccupied only with pleasing; unlike morality that does not want please, but is concerned with the practice of good in itself.

Keywords: Jankélevitch; Moral life; Psychological, religious and aesthetic lives.

Introdução

O livro "Curso de Filosofia Moral" do filósofo Vladimir Jankélevitch (1903-1985) foi uma edição póstuma publicada cerca de 20 anos depois da morte do autor. Segundo o editor *Françoise Schwab*, o conteúdo deste curso foi proferido na Universidade de *Bruxelas* em 1962 e transcrito por uma aluna do filósofo. Além de professor da Universidade de *Bruxelas*, *Vladimir Jankélevitch* também foi professor na *Sorbonne* entre 1951 a 1979, onde deixou um legado importante para muitos alunos através de suas aulas de *Metafísica e Moral*. É considerado como uma das mais importantes vozes da filosofia francesa do século XX. Sua análise moral a partir da noção de tempo que apreendeu de *Henri Bergson*¹, afirma que a vida moral deve ser praticada e não apenas dita, sendo o "fazer" a causa de nossa admissão neste mundo. A moral então consiste em atos e não em teoria, não sendo

¹ Henri Bergson (18/10/1859-04/01/1941) foi um filósofo e diplomata francês que muito influenciou a filosofia de Vladimir Jankélevitch. Sua filosofia baseada na não determinação do homem e na intuição do instante foi inovadora. Livros como "O Pensamento e o Movente" e "O Riso" são indicados para a compreensão do filósofo. Em 1931 Vladimir Jankélevitch escreveu uma obra importante sobre o autor (Henri Bergson).

relacionada ao passado, mas ao presente e ao futuro; sendo assim, moral e ética seriam a mesma coisa para Jankélevitch. Para *Françoise Schwab* "Seus mais vivos incentivos se dirigem ao homem de ação." *Jankélevitch* tem em vista o "instante favorável", que é a exigência de infinito e de absoluto da consciência moral, como escreveu no *Traité des Vertus*² (O Tratado das Virtudes). A ética Jankélevitchiana não aborda as questões políticas propriamente ditas, mas em toda a sua visão sobre moral, é central a questão de ligação entre as pessoas; sendo então de alguma forma, política: para ele, a moral busca a totalidade na humanidade, sendo o homem moral um ser social, que visa o bem comum; esforço esse que deve ser incansável, constante, sem apego a tradições, que consiste nas boas atitudes passadas, pois a moral é a ação oriunda de uma boa vontade presente. Quanto as questões do homem e o mundo, o editor do livro diz que *Jankélevitch* "nunca considera o mundo como ele é quando o homem não o vê: coloca-se do ponto de vista da consciência humana, porque o sensível significa somente o que ele é!" Ele buscou intervir nos limites do saber, pois acreditava existir uma existência subterrânea habitada pelo tempo, pela morte e pelo amor. Ou seja, o saber jamais explicaria tudo, e que sua tentativa era chegar nesse limite, a esse mistério que ele denominava "não sei quê"³, um termo muito usado pelo filósofo em suas obras para nomear o imaterial, imponderável e intangível que é intuído pelo ser humano e que não se consegue explicar através da linguagem; é muito comum essa percepção do imponderável entre os artistas e entre os místicos, que convivem com essa ambiguidade entre o material e o imaterial constantemente⁴. A partir desse ponto de vista, *Jankélevitch* lamentava que a modernidade se contentasse apenas com "verdades aproximativas", que não iam mais longe do que termos e conceitos que buscavam ser concretos. *Françoise Schwab* afirma que *Jankélevitch* "considerava que os homens formados na arte e no método de pensar por si mesmos seriam uma garantia contra as derrapagens ou cegueiras das ideologias." Para *Vladimir Jankélevitch*, nenhuma análise erudita dirá a essência última, como assim também acontece na música. Então a análise reside no charme ambíguo que dele emana e com que devemos nos contentar. *Jankélevitch* falou muito quanto ao indizível, o dizível e o inefável⁵ que fazem parte da vida e de seu

² Jankélevitch, V. L'innocence et la méchanceté – Traité des Vertus III. Coleção Champs Essais, Editora Flammarion; 2011.

³ Segundo José Manoel Beato em seu *Philosophie Première* de (1954): O "não sei quê" (Je-ne-sais quoi) é o limite invisível de todas as predicções.

⁴ O músico no ato de compor ou de tocar um instrumento lida diretamente com essa ambiguidade: o material consiste no instrumento usado como caneta, partitura, instrumento musical, os conhecimentos musicais teóricos adquiridos para a prática e o ato prático em si; e o lado imaterial consiste no mistério percebido e sentido pelo músico no ato da performance e pelo ouvinte, que entram ambos em uma experiência de elevação, ascetismo, de afastamento do cotidiano concreto, que as explicações apenas aproximam do verdadeiro significado, só sentido e em parte compreendido através da experiência. O "não-sei-quê" de Jankélevitch é a nomenclatura para esse mistério imponderável.

⁵ O "indizível" para Jankélevitch é o que é impossível de ser dito ou explicado, como por exemplo a morte, o silêncio absoluto. O "dizível" é o que conseguimos mensurar, entender e conseguimos trazer para a inteligibilidade. O "inefável" é o contrário do indizível, é o dizer ao infinito! O transbordar do cálice, a experiência inexplicável em palavras, mas rica em significados para quem dela participa; como por exemplo a experiência artística, estética, a experiência religiosa através da oração e o misticismo. Para maiores compreensões sobre os termos, ler o livro do filósofo "A Música e o Inefável", traduzido e prefaciado pelo professor da FAJE Clóvis Salgado Gontijo.

acontecimento no devir. Acreditava no primado da moral sobre toda instância, em uma época que a moral era colocada em cheque, considerando a moral independente da religião e da estética, e inserida no universo psicológico só que de forma interdependente. Para *Jankélevitch* a moral seria:

- (1) Não uma natureza, inelaborada e inerte que havia de estimular e estilizar.
- (2) Não uma antinatureza, não maniqueísta⁶. Esse princípio seria essencialmente religioso e mitológico.
- (3) A má vontade é um relevo particular da vontade. *Jankélevitch* acredita que a conversão a boa vontade é o verdadeiro remédio, que seria uma renegação⁷ do ato instantâneo da boa vontade.⁸ Por isso o embelezamento estético, o aplanamento do obstáculo moral e a luta contra o princípio do mal não são remédios morais!

Sua Contemporaneidade foi demarcada pelas guerras mundiais, antissemitismo⁹, as descobertas de *Sigmund Freud* sobre a psicanálise e os novos rumos do pensamento estético artístico que contestava a hegemonia da arte germânica e o pensamento musical do período clássico¹⁰. O presente artigo quer abordar a primeira parte do livro, que traça as diferenças e semelhanças de forma analítica entre a vida moral das vidas psicológica, religiosa e estética, o que *Jankélevitch* chama de redução da moral. O artigo terá uma introdução da ética Jankélevitchiana, e em seguida será dividido em 3 partes com uma conclusão em seguida. A primeira parte analisará as diferenças e as semelhanças da vida moral e a vida psicológica. A segunda parte fará a mesma análise entre a vida moral e a vida religiosa. A terceira parte abordará as relações entre a estética e a vida moral. Esperamos que este artigo seja um contributo para as pesquisas sobre a ética *Jankélevitchiana*.

⁶ Maniqueísmo é a idéia de que o obstáculo tem por princípio Satanás.

⁷ Jankélevitch diferencia "negar" e "renegar". Negar em suas palavras seria "constatar que o obstáculo é negativo"; e Renegar seria "contradizer ativamente a negação, é uma operação do espírito que se volta sobre si mesmo".

⁸ Um pensamento que nos faz lembrar de Kant e sua visão deontológica do homem. O homem transcendental.

⁹ *Vladimir Jankélevitch* nasceu em *Bourges*, na França e era filho de judeus. Cresceu num contexto de ódio antissemita crescente na Europa. Foi expulso da *Sorbonne* da universidade de *Toulouse* por ser judeu. Participou ativamente da resistência antinazista.

¹⁰ Jankélevitch foi profundo estudioso da filosofia e cultura germânica, e mesmo com a grande arte por eles produzida, o pensamento alemão trouxe a cultura separatista, elitista, unilateral que desencadearia nas grandes guerras mundiais do século XX. A arte como é sabido reflete a cultura que a produziu, e mesmo que a arte não seja em si moral, é usada como força política pelos governantes com a intenção de fortalecer a idéia de superioridade sobre as outras nações (coisa muito comum no período nacionalista). Uma prova entre várias, foi como o governo alemão usou a descoberta dos manuscritos do gênio alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750) através do compositor Félix Mendelssohn (1809-1847) quase um século depois da morte do compositor. A descoberta da obra genial de Bach foi mais um reforço para a supremacia alemã nos séculos XIX E XX. Mas com o evidente esquecimento de como Bach foi visto como um homem comum em seu tempo, questionado pelos próprios filhos muitas vezes, sem honrarias e privilégios políticos; pelo contrário, muitas vezes fui punido por líderes religiosos e políticos de seu tempo. Para leitura "48 Variações sobre Bach" de Franz Rueb.

1. A vida Psicológica e a Moral

Para *Vladimir Jankélevitch* a vida psicológica é o fundamento da vida ética. Para tal opinião, definiu três sentidos:

- Sentido do fundamento lógico: O psicológico não funda a ética. A vida ética é que propõe normas e razões, regras para vida psicológica.
- Sentido do fundamento causal: a vida psicológica precede a vida moral e apresentaria a sua base material. Seria a palavra "fundação" espacial e temporal em sua dupla metáfora.
- Sentido do fundamento axiológico: é o sentido precedente, inferior às formações superiores que ele torna possíveis. Seria anterioridade e infraestrutura, ou seja, segundo plano.

Jankélevitch define a vida psicológica como constante, ininterrupta e em sua maioria, indefinida, devido as questões de inconsciência e da impossibilidade do conhecimento completo do eu. Em suma, a vida psicológica é de alguma forma parecida com a vida natural em Rousseau ou Hobbes, oposta a vida moral, mas que vivem interligadas. Nas palavras de *Jankélevitch* "Ela é a aceitação de uma certa ligação que torna solidárias e põe em comunicação os diferentes momentos da existência. É, portanto, uma vida séria." A vida psicológica compreende então toda a vida de uma pessoa, seus pensamentos compreendidos ou não, indefinidamente. Nas palavras de *Descartes*: "A alma sempre pensa"¹¹. O verbo fundamental da vida psicológica é "ser", já o verbo fundamenta da vida moral é "querer"! *Jankélevitch* reafirma assim o que Kant disse quanto a vocação do querer que existe no ser do homem. Essa vontade transformaria então o ser, formando um novo ser que antes não existia. Só é possível querer dentro do ser, e o querer então transforma o ser.

As descobertas de *Sigmund Freud*¹² no final do século XIX e início do século XX trouxeram uma compreensão maior sobre a subjetividade da *psiquê* humana. Descobertas que muito certamente contribuíram para a opinião de *Vladimir Jankélevitch* quanto a psicologia e a moralidade devido ao contexto histórico em sua contemporaneidade e o fato de seu pai ter traduzido os livros do gênio da psicanálise para a língua francesa¹³. Os pensadores anteriores a Freud não tinham a psicologia como tema de reflexão: na antiguidade, as exortações morais precedem muito as curiosidades psicológicas. Na Grécia clássica, o conhecer a si mesmo não era como a análise psicológica moderna, mas uma clarividência de si mesmo. Os padres condenavam no medievo o hábito de interrogar sobre as dúvidas existentes quanto a religião e a vida. Os estoicos pensavam na psicologia no sentido de viver bem, ou seja, de forma objetiva e concreta

¹¹ Descartes, René, *As Paixões da Alma* (1649)

¹² Para pesquisa, Garcia-Roza, Luis Alfredo. *Freud e o inconsciente*, 2009.

¹³ *Jankélevitch* não gostava da psicanálise, por considerar grosseiro os termos psicanalíticos. Mas de alguma forma fica implícita a influência da nova ciência através de seu parecer sobre a vida psicológica em suas aulas sobre a moral. O envolvimento profundo de seu pai na psicanálise é um detalhe que não deve ser subestimado.

nas situações da vida cotidiana. A moral seria pragmática e urgente. *Descartes* se aproxima da moral se contentando com as máximas provisórias fundadas nas leis nacionais; as questões psicológicas não são colocadas em reflexão. A partir do século XVII começa-se a pensar sobre a vida psicológica, mas ainda longe da compreensão adquirida por *Freud*.

A moral levanta a questão "que fazer?". É prática, não entra em devaneios como a vida psicológica, que faz a pergunta "que sou?" É difícil saber o que fazer sem saber o que se é; como também é difícil saber quem sou sem saber como fazer. *Sócrates* considerava esse conhecimento de si psicológico narcisista, pois o ser é dado para ser, para existir, e não para estudar o ser dentro de si mesmo.

A estética, a religião e a moral estão integradas na vida psicológica. Elas acontecem dentro do mundo psicológico, comparado a vida física dentro da temporalidade do devir. Em resumo, a vida psicológica é contínua, diferentemente das vidas religiosa, estética e moral, descontínuas. Mesmo com a compreensão das diferenças entre moralidade e psicologia, a vida psicológica após *Freud* é também parte da vida ética, devido a maior compreensão da mesma.

A vida moral acontece dentro da vida psicológica de forma descontínua. *Jankélevitch* escreveu: "O tempo é contínuo, mas só tomamos consciência dessa continuidade de tempo em tempo. A consciência do tempo é um ato espasmódico que precisa ser recomeçado incessantemente"¹⁴

Para *Jankélevitch* a vida moral é intermitente, mas pode até não existir. Para o filósofo "Os casos de consciência são raros na vida cotidiana. Uma existência moral é uma abstração ideal. Na verdade, existem naturezas aéticas, que não possuem nenhuma sensibilidade moral."¹⁵ A vida moral é então frágil e fugidia, mesmo tendo pretensões de totalidade. Totalidade essa suspeita de farisaísmo para *Jankélevitch* devido aos supostos interesses por aplausos sociais, ao invés da moral por si mesma.

Portanto, para a conclusão da primeira parte deste artigo, concluímos que:

- (1) - A vida psicológica antecede e prepara a vida moral
- (2) - A vida psicológica não é prática, se perde em si mesma não sendo objetiva. A vida moral é prática, objetiva e concreta.
- (3) - A psicologia anda sempre no presente, a moral está para o futuro que se divide em dois grupos: o porvir (futuro distante) e o futuro imediato.

¹⁴ Idem, p. 43.

¹⁵ Idem.

(4) - A vida psicológica é constante, mas descontínua, devido aos acontecimentos que interrompem a trama contínua do cotidiano. Já a vida moral é intermitente, mas busca a continuidade e a totalidade.

2. A vida Religiosa e a vida Moral

Da mesma forma que a vida moral, a vida religiosa tem pretensões de totalidade. Para *Jankélevitch* as duas vidas competem entre si, porque uma torna a outra inútil, porque ambas se querem imperialistas. Outra semelhança também entre as duas vidas (religiosa e moral) é que em ambas existem duas ideias: a concepção ideal absoluta e a concepção real intermitente. A concepção ideal absoluta consiste na busca da totalidade. A concepção real intermitente consiste nos momentos de atuação da religião e da moral na vida psicológica e natural.

As duas vidas têm semelhanças também quanto a noção de ligação. A ligação da religião está ligada a imposições de deveres sociais em religiões mais pautadas pelos rituais do que ao dever moral, e por outro lado, as religiões moralizantes mais pautadas pelo "Dever"¹⁶, que consiste na moral da fé em si do que aos deveres funcionais sociais. Exemplos como as religiões tribais e de alguma forma, a igreja católica, são pautadas nos deveres e nas práticas ritualísticas. Religiões como o Confucionismo e as religiões protestantes são moralizantes, com isso, mais pautadas pelo Dever. Mas mesmo entre as religiões moralizantes, os deveres são necessários para a atividade religiosa de alguma forma, mesmo que em menor grau, e o Dever moral está baseado em segundo plano em uma divindade ou em uma recompensa. Já a vida moral busca o dever, mas em primeiro plano, ou seja, a moral em si mesma, sem a causa estar em uma divindade. "Em resumo, a obrigação religiosa decorre de um absoluto; a obrigação moral se funda em si mesma."¹⁷

Com isso, a moral se funda na liberdade, diferentemente da vida religiosa que não admite livre arbítrio. O não livre arbítrio na religião é alegado por *Jankélevitch* devido ao mundo ter sido supostamente criado por um Deus que tudo determinou e que nada lhe escapa aos olhos. Com isso os homens que o conhecem farão a Tua vontade pelo medo do inferno ou dos castigos divinos. A moral é livre pois não está firmada em um deus ou numa recompensa, mas porque é o certo a se fazer.

¹⁶Um exemplo do "Dever" é o pensamento protestante iniciado por Matinho Lutero e outros precursores, que ensinavam a prática da fé conforme a consciência, não estando presa a tradições. No livro de Mateus 6:7 mostra também um exemplo semelhante, nas palavras de Cristo: E quando orardes, não useis de vós repetições, como fazem os pagãos; pois imaginam que devido ao seu muito falar serão ouvidos. Outro trecho que reforça esse pensamento é o de Mateus 15:6 a 8: E assim por causa da vossa tradição invalidastes a palavra de Deus. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios; o seu coração, porém, está longe de mim.

¹⁷ Idem, p. 19.

Mesmo com muitas semelhanças, as duas éticas se diferenciam em muitos aspectos:

(1) A atitude moral é comum a todos os homens e dá mais importância às intenções do que aos gestos. Já a atitude religiosa está fortemente relacionada com os gestos, que podem muitas vezes enganar ou simplesmente se esquecer das intenções, que para mim, particularmente, é comum se perceber. Muitas são as formas de rituais e religiões, trazendo assim uma primeira grande diferença.¹⁸ Um dos exemplos usados por *Jankélevitch* para fortalecer essa posição é a forma como os gregos lidavam com a moral e a fé. Ele afirmou que “Na Grécia, a moral se constituía por oposição à religião nacional, cujos deuses são perfeitamente imorais.” Independente do exemplo que *Jankélevitch* expôs em sua didática, acreditamos ser verdadeira a afirmação de alguma forma em todas as religiões: o cristianismo mesmo sendo muito atrelado a moralidade, devido a parceria com o sistema político através de Constantino no Império Romano; quando se faz uma leitura bíblica mais detalhada, percebe-se que o cristianismo sem o filtro do pensamento grego (catolicismo) e do pensamento que dá início ao capitalismo (protestantismo), é uma fé marcada pelos milagres de *Yahweh* para com seu povo (os israelitas), pelos milagres do Messias, que para muitos escritores apócrifos já fazia prodígios desde a infância e que não se adequava exatamente às normas morais e religiosas de sua época.¹⁹ O Cristo que é morto na cruz pelos doutores da lei judaica, responsáveis pela lei moral do povo judeu, e também morto sob a autorização de Pilatos, representante das leis morais e políticas da *Urbs Romana*.²⁰

Mas voltando ao centro de nosso assunto, as outras diferenças entre as duas vidas são:

(2) Na moral a obrigação é dada de início, e a ética religiosa é dada depois e decorre da ideia de Deus.²¹

¹⁸ Diferenças pesquisadas pela ciência cognitiva da religião, área que desde os anos 80 está voltada a pesquisar cientificamente os processos que originam e trazem à tona as religiões ao redor do mundo.

¹⁹ Livros Apócrifos como: “O Livro Sobre a Origem da Abençoada Maria e a Infância do Salvador, “A Infância de Jesus segundo Pedro”.

²⁰ O livro de São Lucas no capítulo 11, versículo 46 afirma que Cristo disse: “Ele respondeu: ai também de vós, doutores da lei, que carregais os homens com pesos que não podem levar, mas vós mesmos nem sequer com um dedo vosso tocais os fardos.” No mesmo livro, no capítulo 23, versículo 5 está escrito sobre a opinião dos fariseus sobre Jesus: “Mas eles insistiam: Ele está subvertendo o povo em toda a Judéia com os seus ensinamentos. Começou na Galileia e chegou até nós.” O apóstolo Pedro diz no livro de Atos no capítulo 3, versículo 36: “Esse Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo.”

²¹ Ponto que discordo do autor, pois historicamente a moralidade está muito relacionada com a religião. Mircea Eliade, nome importante na filosofia da religião, afirma que a moralidade é característica do homem religioso primitivo, que tinha como principal característica uma base central para sua compreensão de mundo: a morada física (templo) e conceitual (moral). Acredito ser viável a prática moral sem a crença em um deus, mas tendo sua origem na experiência religiosa primitiva. Ao mesmo tempo também, através dos textos bíblicos e religiosos, é a mim concebido a ideia de que Deus esteja além da moral dos seres humanos, pois a mesma existe nas

(3) A lei moral é impessoal, por isso é séria e pouco atraente. A religião é pessoal, vida afetiva está totalmente relacionada, pois é atraente.

(4) Outra diferença é que a atitude religiosa é ligada a coordenadas espaciais, no caso, ao templo de oração e comunhão com os irmãos da mesma fé, trazendo uma diferenciação a partir de então entre lugares santos, lugares de peregrinação e cruzadas. Quanto às coordenadas temporais dentro da religião também causam diferenças através dos feriados, festas místicas, aniversários e comemorações religiosas. O ritmo da vida está baseado nesses dias cerimoniais. Os dias especiais trazem consigo os momentos especiais que aumentam o fervor religioso. *Jankélevitch* observa: "Como explicar essas ocasiões privilegiadas? É que as relações entre Deus e homem são intermitentes: Deus só visita o coração do homem em certos momentos determinados."²²

Já as religiões puramente moralizantes suprimem esses momentos privilegiados. Toda essa explicação quanto a vida religiosa se aproxima mais da vida estética do que da vida moral.

A estética comporta igualmente uma condensação de "ocasiões" temporais e locais. Apesar de um museu se distinguir de um santuário pelo fato de nele não se exigirem ritos particulares, ele também goza de uma certa extraterritorialidade em relação a vida real: nele, celebra-se a beleza, abandonam-se as preocupações da vida cotidiana.²³

A vida moral ao contrário não se atém a ideia de uma circunscrição no tempo e no espaço. É difusa, não se limita no tempo, pois não existe momentos nem lugares certos para o ato moral.

A moral pretende penetrar no conjunto da vida, pelo menos no plano ideal, ela tem uma característica atmosférica, universal, cosmopolita, que não distingue nem raças nem povos, mas engloba o conjunto dos homens. Os estoicos já tinham preconizado essa ideia do cidadão universal.²⁴

(5) Então a vida moral é aberta, ilimitada, não é restrita e nem privilegiada. A vida religiosa se diferencia por se enquadrar em um

relações humanas e para elas. A moral divina está além da cognição humana e até a contradiz, como no belo exemplo de Maria, mãe de Jesus, que foi questionada pelos líderes religiosos sobre sua gravidez pré-nupcial, que para a moral judaica, era passível de morte por apedrejamento. Mas assim quis a vontade divina: contradizer a mora estabelecida.

²² Jankélevitch, *Curso de Filosofia Moral*, p. 24.

²³ idem

²⁴ idem

aparelho institucional, e vive a cronologia histórica de sua história²⁵. A vida moral está externa de qualquer drama histórico e não depende de instituições para agir.

3. A Estética e a Moral

“O problema das relações entre a moral e a arte é um sintoma de modernidade. O fato de que existam relações entre esses valores implica que esses valores não coincidam.” (*Vladimir Jankélevitch*)

Vladimir Jankélevitch afirmou que os modernos criaram tabelas de valores, com isso, distinguiram o Bem e o Belo. Desde então o belo existe independentemente do bem, e o bem sem o verdadeiro. O belo corresponde ao estético, o bom ao moral. Com isso, o então professor da *Sobornne* afirma que podemos falar de uma arte sem moral e de uma moral sem arte. *Jankélevitch* também escreveu obras brilhantes sobre a estética musical, enfatizando sempre a música romântica (século XIX) e moderna (século XX) da França e leste europeu, relegando ao esquecimento a hegemônica música germânica dos períodos barroco-clássico-romântico, devido as suas convicções semitas e seu conhecimento histórico e sociológico quanto a cultura germânica e seu movimento nacionalista ariano, no qual cresceria a base da propaganda estética e moral do nazismo. O estudioso da história da música sabe que a propaganda nazista se utilizou da grande arte como apoio, trazendo a descrença popular quanto as instituições políticas, religiosas e artísticas; fortificando assim o aumento da pluralidade da música popular e das manifestações artísticas alternativas. Na música acadêmica, os músicos passam a relegar a música clássica e sua linguagem oficial, o Tonalismo²⁶, buscando uma nova música fora dos padrões estabelecidos²⁷. No século XIX nasce a ideia da arte pela arte, ou seja, sem nenhum vínculo moral. Esse pensamento é muito diferente do pensamento grego, onde o belo e o bom eram uma coisa só. Xenofonte falava do *Kalòs Kagutós*²⁸: o belo e o bem. O pensamento sobre o assunto era acumulativo, não decomposto. Os gregos acreditavam que os virtuosos eram felizes, os que tinham a beleza e o bem. No cristianismo se conhece a ideia do

²⁵ Os fatos fortificam a opinião de Jankélevitch. Mas quero aqui acrescentar que a religião não é apenas institucional, tendo também sua forma movente, dinâmica, por isso não presa apenas à religião institucional. O livro de Henri Bergson “As Duas Fontes da Moral e da Religião” apresenta as diferenças entre a religião estática e a dinâmica.

²⁶ Consiste no sistema teórico musical que se desenvolveu no ocidente entre o fim do pensamento medieval e início do período renascentista, que teve seu apogeu no século XVIII, e que vem perdendo força desde o romantismo até os nossos dias.

²⁷ Novas teorias musicais como o atonalismo, serialismo integral, o dodecafonismo de *Arnold Schoenberg*, o impressionismo, expressionismo, música eletro-acústica, etc. Para pesquisa, *Roland de Candé* e seu livro em 2 volumes: *História Universal da Música*.

²⁸ “A sincronização do bem e da verdade é, como se sabe, a tese fundamental do otimismo intelectualista: ela se exclui de uma vez por todas o homem fissurado, o homem da mentira e da malevolência. Do mesmo modo, o otimismo estético postula a harmonia essencial do Belo e do Bem, tal como a professa o ideal xenofônico do *Kalòs Kagathós*” (*Vladimir Jankélevitch. Traitê des Vertus, t.3, p.22*)

“sepulcro caiado”²⁹ que Cristo disse segundo o livro de São Mateus no capítulo 23. Assim, a beleza não significa bondade, e bondade não significa beleza. Os próprios gregos questionavam se realmente o belo está ligado ao bem. *Jankélevitch* disse que os gregos tinham em vista a beleza em si críptica e a beleza das ciências do raciocínio, então: “A beleza ideal é sem forma, a-plástica, poderíamos dizer, alegórica, escapa dos sentidos e é totalmente moralizada.”³⁰

Jankélevitch cita *Plotino*: “A beleza é o esplendor do bem.”³¹ O bem é então uma beleza não visível.³²

A compreensão do bem como invisível desencadeou para os gregos segundo *Jankélevitch* em:

I – O belo é um enfraquecimento, uma degradação do bem, pois estimula os sentidos³³

II – O belo é o princípio do erro, pois a aparência é enganosa, e não pertence a essência³⁴

III – A aparência pode querer nos induzir ao erro

Sobre esses três pontos, é importante citar um trecho do livro “Curso de Filosofia Moral”. *Jankélevitch* diz

Se escarafuncharmos essa crença do século V na harmonia, encontraremos porém algumas dissonâncias: os gregos se colocam a questão de saber se o bem sempre se identifica com o belo.

No banquete, Platão estabelece uma dialética ascendente que conduz o homem da beleza aparente à beleza invisível. Ele nos leva da beleza física da matéria à beleza espiritual da alma, à beleza das leis, das instituições e das ocupações humanas, daí somos levados para a beleza em si críptica. Se analisarmos essa sucessão, logo notaremos uma descontinuidade: passa-se do sentido próprio da beleza à metáfora, moraliza-se progressivamente a beleza sem saber em que momento essa passagem de uma ordem a outra se produziu.

A beleza ideal é sem forma, a-plástica, poderíamos dizer, alegórica, escapa dos sentidos e é totalmente moralizada.³⁵

²⁹ Evangelho de Mateus 23;27: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície.”

³⁰ *Jankélevitch*. V, *Curso de Filosofia Moral*, p. 6

³¹ Plotino, *Ennéades*, 1,6,9; trad. fr. É. Bréhier, *Les Belles Lettres*, 1924-1938, 7 vols

³² O que *Jankélevitch* chama de “Não sei quê”, termo inspirado na *Kháris* (graça) divina de Plotino. Consiste nesse mistério impalpável que traz encanto a vida material. O “Charme” inspirado na *Cármén* latina. O material só teria charme através desse “não sei quê” imponderável.

³³ “E o que está além da Beleza, nós chamamos de natureza do Bem”.(Plotino, *Ennéades*, 6).

³⁴ Plotino escreveu: “O belo é o sacramento do bem” e “o bem é mais que o belo” (Plotino, *Ennéades*,9).

³⁵ *Jankélevitch*, *Curso de Filosofia Moral*, p. 6.

Jankélevitch em seus exemplos mostra que Platão questionou de alguma forma a beleza aparente, apresentando uma beleza superior. Jankélevitch afirma que os neoplatônicos desenvolvem esse tema nascido no século V, principalmente em Plotino:

Plotino escreve: "A beleza é o esplendor do bem." Isso implica que há uma harmonia fundamental entre a beleza e sua essência, a bondade que transparece. Mas que também há uma dualidade entre o patente e o latente, entre o que aparece e o que se oculta.³⁶

O cristianismo em seguida derruba e vez a auréola da beleza, demonizando-a. A arte seria uma forma de reter o homem na superfície, no sensível, aquém de sua verdadeira essência. Esse pensamento se confirma na moral iconoclasta³⁷ que se origina no judaísmo primitivo devido aos 10 mandamentos do Monte Sinai escritos por Deus e dados a Moisés.³⁸

Até aqui ficou clara a distinção entre estética e moral. Vladimir Jankélevitch define 7 distinções:

- (1) – A obra estética é concreta e palpável, enquanto a obra moral não tem existência palpável, só existindo como intenção, podendo ser equívoca.
- (2) O estilo estético tem caráter aristocrático, segregador, impregnado de virtuosismo. A moral é de boa vontade universal, democrática e acessível a todos os homens.
- (3) – A vida estética é um momento da existência, curta, mas intensa. A vida moral ideal ocupa toda a existência.
- (4) – O domínio estético é circunscrito, limitado pela forma e estilo. O domínio está fora da obra em si. O mundo moral é amorfo, o sujeito está englobado nele.
- (5) – O ideal estético é hedonista e capaz de progresso. O ideal moral é dolorista e não é objeto de aprendizado.
- (6) – No reino estético reinam mandamentos hipotéticos para que se realize a obra de arte, e o talento não é exigido. No domínio moral, a regra é imperativa, absoluta: as qualidades morais são exigidas por todos.
- (7) – Existe uma ponte entre a vida estética e a vida moral.

³⁶ Jankélevitch, *Curso de Filosofia Moral*, p. 6.

³⁷ Sabemos que a iconoclastia hebraica não era extremada como se afirma na contemporaneidade, mas o alerta contra a beleza é evidente na cultura judaico cristã.

³⁸ Os detalhes quanto a moral iconoclasta se encontram no livro bíblico de Êxodo, no capítulo 20, atribuído a Moisés no qual está escrito os 10 mandamentos de *Yahweh* ao seu povo. O segundo mandamento escrito nos versículos 4 a 6 diz: "Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos."

Conclusão

A partir do conteúdo exposto neste artigo, podemos concluir que *Vladimir Jakélevitch* é dono de uma visão original quanto a ética e a moral, através de sua filosofia analítica e minuciosa que divide o que na vida comum está entrelaçado: as vidas psicológica, religiosa, estética e moral. O filósofo de *Bourges* mostra de forma singular como a vida psicológica vem antes, sendo precedente a vida moral, e como ela tem importância para a vida ética. Mas ao mesmo tempo não nos acomoda a vivermos dentro de suas infinitas divagações e crises existenciais, nos exigindo uma reflexão sobre a atitude consciente, racional, objetiva e livre; trazendo mais uma vez a lembrança de *Immanuel Kant* e o seu "homem transcendental".

Sua conduta analítica que nos alude a *Immanuel Kant*, nos mostra que a vida moral não depende necessariamente da vida religiosa para existir e ser plena em seu anseio por totalidade no mundo. E que, pelo contrário, pode ainda ser mais íntegra e coerente através da liberdade dos atos sem os medos das punições divinas. De forma pessoal, acredito que a moral está intimamente ligada a religião, pois é da religião que ela surge; ficando difícil diminuir o mérito da religião para o seu surgimento, mas acredito ser muito enriquecedor a ideia de uma moral livre, sem medos punitivos, até porque, acredito que a moral oriunda da religiosidade também está baseada na boa vida dos seres humanos em comunidade, e não apenas com os interesses divinos ou medos de punições. Mircea Eliade em seu importante livro "O Sagrado e o Profano" fortifica meu ponto de vista quando escreveu a importância da religião na construção da sociedade como a conhecemos:

Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no "Centro do Mundo". Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer do "caos" da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o "Centro" – equivale à Criação do Mundo, e não tardaremos a citar exemplos que mostrarão, de maneira absolutamente clara, o valor cosmogônico da orientação ritual e da construção do espaço sagrado.³⁹

Mircea Eliade diferencia o fundamento do homem religioso e o não religioso:

Pode-se medir o princípio que separa as duas modalidades de experiência – sagrada e profana – lendo-se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências

³⁹ ELIADE, *O Sagrado e o Profano*, p. 17.

religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho, etc). Bastará lembrar no que se tornaram para o homem moderno e a-religioso, a cidade ou a casa, a Natureza, os utensílios ou o trabalho, para perceber claramente tudo o que distingue de um homem pertencente às sociedades arcaicas ou mesmo de um camponês da Europa cristã. Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade, etc – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social aprova. Mas para o “primitivo” em tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado.”⁴⁰

Nessas citações Mircea Eliade compreende o homem profano como sem um centro, sem uma estrutura conceitual que o sustente, desprovido de uma morada, que podemos aqui chamar de moralidade. O homem sagrado, ao contrário, está sempre alicerçado em um centro, seja ele físico através dos templos, que para Eliade são os centros das comunidades; e o centro conceitual, a moral pensada através da experiência religiosa e comunitária. A moralidade deontológica, distante da religião, teria para o autor sua origem na vida religiosa primitiva:

É preciso acrescentar que uma tal experiência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso.....veremos que até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo.⁴¹

É comum se deparar com pensamentos dessacralizados, mas com uma moral muito semelhante a moral cristã ou de outras religiões ao redor do mundo. Percebo em Jankélevitch (como também em Schopenhauer e muitos outros filósofos) um pensamento muito próximo da religião, mesmo que de forma agnóstica.

Voltando ao meu ponto de vista, os 10 mandamentos dados a *Moisés* no Monte *Sinai* serviram como organização social dos hebreus, recém libertados da escravidão egípcia, trazendo a noção de respeito a Deus e ao outro, educação, hierarquia, empatia, espírito político comunitário. A história da moralidade então anda junto com a história das religiões.

A originalidade de Vladimir Jankélevitch salta ainda mais aos olhos com sua análise filosófica quanto a vida estética em comparação com a vida moral. Desanuviando a confusão estética do senso comum, que acredita na estética como detentora de moralidade, sendo que a estética detém em si

⁴⁰ Idem, p. 14.

⁴¹ Idem, p. 18.

mesma o poder do intuir, da busca do belo, do sugerir; não responsável pelas esferas do bem e do mal, do certo e do errado. O estético em si não tem satisfações a dar, seu mundo é particular, não dado a comparações ou juízos de valor morais. Por isso, uma bela obra de arte pode ser feita por pessoas imorais ou através de condutas imorais; e uma pessoa com atitudes morais pode não produzir obra de arte alguma, ou pode produzir uma arte digamos, desinteressante no sentido estético, pois se tratam de setores distintos.⁴² *Vladimir Jankélevitch* com sua análise desata os nós, coloca em ordem as confusões conceituais, mostrando a importância de cada vida explanada neste artigo, e eleva a importância da vida moral em uma época em que a moral era relegada ao esquecimento. Para o filósofo, a moral é necessária, fruto de reflexão, racionalidade, objetividade e liberdade do homem, e que tem pretensões de totalidade. Mas não nega a importância e a inter-relação existente entre a moral e as vidas psicológica, religiosa e estética. Pois afinal, a vida nunca será totalmente respondida, mas pelo contrário, a razão apenas alcançará a superfície do verdadeiro conhecimento da essência última da existência. Esse “não sei quê” (je-ne-sais-quoi) anunciado por *Jankélevitch*, esse imaterial, impalpável, imponderável que preenche de charme o mundo material, palpável e ponderável. Sendo assim, a vida sempre será ambígua sem uma resposta última e definitiva.

Bibliografia

Apócrifos e Pseudo-Epígrafos da Bíblia. “O Livro Sobre a Origem da Abençoada Maria e a Infância do Salvador. Tradução Cláudio J. A. Rodrigues; Editores Eduardo de Proença e Eliana de Oliveira Proença. São Paulo, Editora Cristão Novo Século, 2004.

BERGSON, Henri. *As Duas Fontes de Moral e da Religião*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1978.

CANDÉ, Roland de. *História Universal da Música*, v. 1 e 2. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCARTES, René. *As Paixões da Alma*. São Paulo, Editora DPL, 2004.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

⁴² Um bom exemplo para entendermos melhor o assunto é o gênio austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), que é reconhecido pela humanidade por sua obra musical única, de musicalidade elevada e incomum na história. O conhecedor da biografia de Mozart saberá que o compositor fugia totalmente aos padrões morais e sociais de sua época, tendo como características de personalidade a infantilidade, a dificuldade de cumprir ordens, a rebeldia, linguajar livre e obsceno, uma vida noturna a base de traições em prostíbulos; não aceitava a condição serviu do músico comum em sua época e compunha não apenas por inspiração, mas como profissão. Mesmo com todo o reconhecimento póstumo, Mozart morreu como indigente, enterrado a cal aos 35 anos no dia 05/12 de 1791. Para maiores pesquisas “Mozart - A Sociologia de um Gênio” do sociólogo Norbert Elias.

ELIAS, Norbert. *Mozart – A Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1994.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2009.

FUBINI, Enrico. *Estética dela musica*. Bolonha: II Murilo, 1993.

JANKÉLEVITCH, Vladimir. *Curso de Filosofia Moral*. Tradução de Eduardo Brandão, texto estabelecido, anotado e prefaciado por Fransçoise Schwab. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2008.

JANKÉLEVITCH, Vladimir. *O Paradoxo da Moral*. Editora Papirus, 1991

JANKÉLEVITCH, Vladimir. *A Música e o Inefável*. Prefácio e tradução: Clóvis Salgado Gontijo. São Paulo, Editora Perspectiva, 2018.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa, Edições 70.

PLOTINO. *Tratado das Enéadas*. Texto integral de 12 tratados. Tradução, apresentação, notas e ensaio final: Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2012.

RUEB, Franz. *48 Variações sobre Bach*. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.